

CORREIO BRAZILIENSE

Conheça Jackson Lima, o diplomata que driblou o preconceito

Baiano conta como, mesmo nascendo pobre e no interior, conseguiu se tornar um dos poucos diplomatas negros do país

TM _ [Thays Martins \(mailto:iconescb@gmail.com\)](mailto:iconescb@gmail.com)

postado em 11/12/2019 06:00



Jackson Lima: "Os negros ainda não sonham nem acreditam que podem ser diplomatas"

(foto: Arquivo Pessoal)

"Eu sempre tive o sonho de ser **diplomata**, mas como nasci negro, pobre e no interior da Bahia, era um sonho que não dava para realizar." A fala é de **Jackson Lima**, que, hoje, aos 49 anos, após driblar preconceitos, contrariar expectativas e trabalhar muito, se tornou o diplomata que sempre quis ser.

Não foi por acaso, contudo, que o segundo-secretário da Embaixada do Brasil na Nigéria chegou a considerar seu sonho impossível. O começo de vida humilde parecia impedi-lo de seguir uma carreira comumente associada a pessoas ricas, por exigir anos de estudo, conhecimento aprofundado de política e economia mundial e fluência em ao menos três idiomas.

Apesar dos obstáculos, o filho de professora e de carteiro, nascido na pequena Santo Antônio de Jesus (BA), manteve vivo o sonho. Além da força de vontade, contava com o apoio e a fé da mãe, Rosenita. "Ela sempre me criou dizendo que eu tinha que ser o melhor da turma, senão não conseguiria nada na vida. Ao mesmo tempo, ela falava que eu conseguiria ser qualquer coisa que eu quisesse. Então, acho que desenvolvi autoestima, acreditando que o sucesso seria consequência direta da quantidade de esforço que eu implementasse nos meus sonhos", conta.

Com essa filosofia em mente, Jackson jamais abandonou os estudos, mesmo quando precisou trabalhar como auxiliar de pedreiro. E conseguiu se formar em letras-inglês pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Já tinha ido longe, mas o desafio maior ainda estava por vir.

Receio e fé



Para se tornar diplomata, é preciso ser aprovado no concurso do Instituto Rio Branco e, então, passar por dois anos de formação. A seleção pública é considerada uma das mais difíceis do país. São entre três e quatro fases e conta com uma média de 5 mil candidatos para 30 vagas. "É preciso ter recursos para financiar os estudos, sobretudo os de línguas. São pouquíssimos negros no país com as condições necessárias", diz.

A primeira tentativa foi em 2006, quando Jackson morava no Rio de Janeiro, cidade para a qual havia se mudado. Na primeira fase, apenas 300 dos 10 mil inscritos no concurso passaram. Jackson foi reprovado por dois décimos. Ele fez nova tentativa em 2007, quando conseguiu vencer a primeira e a segunda etapas, mas acabou reprovando na terceira, pelo desempenho abaixo do exigido em economia. "Na segunda fase, fui o quinto melhor do Brasil, mas reprovei na terceira. Naquele momento, me deu muito medo, muita insegurança de não conseguir", lembra. "Liguei para minha mãe e ela disse para eu ficar estudando, não ir vê-la no Natal nem no réveillon. Sempre acreditamos no esforço."

Apesar da segunda reprovação, o bom desempenho ajudou Jackson a receber uma ajuda essencial para enfim realizar seu sonho. Ele foi aprovado no programa Bolsa-Prêmio de Vocação para a Diplomacia, que oferece R\$ 25 mil por ano para candidatos negros e pardos custearem as despesas com os estudos. "Eu consegui a bolsa e só por causa disso fui capaz de me preparar", lembra.

Com o auxílio, Jackson conseguiu chegar mais bem preparado para sua terceira e bem-sucedida tentativa. Em agosto de 2008 mudava-se para Brasília e iniciava o curso de formação. Dois anos mais tarde, já diplomata, partia para uma missão no Zâmbia, onde ficou até o fim de 2012. Entre 2013 e 2016, o baiano passou nova temporada na capital federal, no Departamento de África do Ministério de Relações Exteriores,



partindo para a Nigéria no ano seguinte. Hoje, com nove anos de experiência e dois mestrados no currículo, está prestes a representar o Brasil na Organização dos Estados Americanos (OEA), nos Estados Unidos, missão que assume em 2020.

Jackson tem orgulho do que alcançou, mas quer mais. Tem planos de concluir mais um mestrado e partir, depois, para o primeiro doutorado. "Pretendo continuar crescendo. Ter uma carreira acadêmica dentro da diplomacia", afirma. Outra vontade é ver mais diversidade no Itamaraty. Quando concluiu o Rio Branco, somente 5% dos diplomatas eram negros. Nove anos mais tarde, o índice aumentou, mas permanece abaixo de 10%.

Em 2014, o governo federal adotou uma nova política afirmativa, passando a reservar 20% de cotas para negros no concurso para a carreira. "Sem ações como essas, nunca conseguiremos passar de 10% de negros no Itamaraty. E somos cerca de 50% da população", ressalta.



Contribuição

Os números são reflexo da ampla desigualdade que persiste no país. Embora pretos e pardos tenham hoje mais acesso à universidade, muitos se veem obrigados a abandonar o curso antes de concluí-lo. "É uma profissão para privilegiados. A maioria dos aprovados já morou fora. Mas, ao menos, as bolsas e o programa de cotas permitiram alguma democratização, aumentando as chances do universo de negros que consegue ir à universidade", avalia.

O diplomata sabe bem do que fala. Um de seus mestrados buscou, justamente, comparar os métodos utilizados pelos Estados Unidos e pelo Brasil para ampliar a representatividade étnica na carreira. "Eu vim do programa de bolsas e queria dar uma contribuição para o Itamaraty e para a academia brasileira no entendimento sobre essa realidade. Queria

entender melhor as razões pelas quais os negros não conseguem entrar na diplomacia. E isso é importante, porque a gente é a cara do Brasil lá fora", explica.

Nos estudos, descobriu que, além da falta de acesso aos recursos necessários para se preparar, os jovens negros encontram um outro obstáculo: a autoestima. "A questão é de outro porte. Os negros ainda não sonham nem acreditam que podem ser diplomatas", observa. Por isso, Jackson já deu várias palestras sobre sua trajetória. "Não para dizer que eu superei, mas para mostrar que é possível ser diplomata."

Possível e gratificante, garante. "Ser diplomata tem um lado duro. Deixei minha mãe, irmãos, esposa, enteados... É um autoexílio, sobretudo se você vem para um país como a Nigéria. Tem uma cota de sacrifício. Viver afastado das pessoas, das músicas, da comida... Mas ao mesmo tempo é muito bom representar o Brasil, fazer política externa, saber que está sendo útil para a construção do país."



Início em 2002

O programa existe desde 2002 e, de acordo com o Itamaraty, foram investidos desde então mais de R\$ 15,5 milhões em 677 bolsas a 403 candidatos negros. O auxílio é concedido àqueles candidatos que apresentaram desempenho satisfatório nas primeiras etapas do concurso, mas não tiveram a aprovação final.

Especial

A série Histórias de consciência presta homenagem a mulheres e homens negros que ajudam a construir uma Brasília justa, tolerante e plural. Todos os perfis deste especial e outras matérias sobre o tema podem ser

lidos no site www.correiobraziliense.com.br/historiasdeconsciencia
(<https://www.correiobraziliense.com.br/historiasdeconsciencia/>).

(61) 99951-5874

(https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/01/29/interna_cidadesdf,733887/como-receber-noticias-do-correio-todos-os-dias-no-seu-whatsapp.shtml).

Os comentários não representam a opinião do jornal e são de responsabilidade do autor.
As mensagens estão sujeitas a moderação prévia antes da publicação

© Copyright Correio Braziliense 2000 - 2020. todos os direitos reservados.

